

## ESTÉTICA E HUMANIZAÇÃO EM A NOIVA E OUTROS CONTOS POLÍTICOS, DE CLEBER TOLEDO

Francisco Neto Pereira Pinto<sup>1</sup>

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Luiza Helena Oliveira da Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal do Norte do Tocantins

**Resumo:** trata-se de uma resenha do livro *A noiva e outros contos políticos*, do escritor e jornalista Cleber Toledo. A coletânea, composta por vinte contos, foi publicada em 2023 pela editora Veloso. Neste texto, além de uma apresentação da antologia, discutimos os aspectos da construção estética e da humanização presentes nesta obra do autor.

**Palavras-chave:** Cleber Toledo; *A noiva e outros contos político*; Estética e Humanização.

**Submetido em 23 de julho de 2024.**

**Aprovado em 23 de dezembro de 2024.**

### INTRODUÇÃO

Em literatura, entendida como a arte da palavra, nada é de graça – uma palavra, um ponto, uma construção sintática, a elaboração de uma personagem, a adoção de uma perspectiva narrativa, a escolha deste ou daquele registro, de um gênero ou de outro etc: tudo se justifica em função do efeito estético que o autor busca suscitar no leitor com sua arte, o que implica dizer que nenhum gesto, do ponto de vista artístico, se dá ao acaso, sem consequências. Em *O ferrageiro de Carmona*, de João Cabral de Melo Neto

---

<sup>1</sup> Psicanalista, Professor e Escritor. Ocupante da cadeira n. 12 na Academia de Letras de Araguaína e do Norte do Tocantins - Acalanto. Doutor e Mestre em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Araguaína. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins. É autor dos seguintes livros, todos disponíveis na Amazon. **À beira do Araguaia** (contos), **O Gato Dom** (infantil), **Saudades do meu gato Dom** (conto testemunho), **Você vai ganhar um irmãozinho** (infantil), **Ensino de literatura no contexto contemporâneo** (coletânea crítica) e **Torto Arado em dez dobras** (coletânea crítica).

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela UFF. Docente do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Desenvolve pesquisas em semiótica. Líder do GESTO - Grupo de Estudos do Sentido. Bolsista do CNPq.

(2010), o eu lírico dá voz a um ferrageiro que, em sua *receita* ao poeta, estabelece um tom, uma certa medida, para o trabalho com a matéria-prima da literatura – a palavra.

O ferrageiro não trabalha com ferro fundido, mas somente com ferro forjado, ou seja, trata-se de luta com o ferro, de corpo a corpo, de forja, para levá-lo até onde se quer. Ao escritor, seguindo essa perspectiva, cumpre também domar a palavra à força, realizando com esmero e arte seu “ofício de escritor”, como escreveu Julio Cortázar, em seu texto *Alguns aspectos do conto* (2006). Esta é, exatamente, a ambição declarada do escritor Cleber Toledo em sua apresentação de *A noiva e outros contos políticos*, quando, com brevidade, trata a respeito de seu processo de tornar-se autor literário, a demandar amadurecimento com o trato da linguagem diferente daquele que tem no seu ofício cotidiano de repórter:

A necessidade de um tiro certo torna essa engenharia um desafio delicioso e, também, absurdamente complexo. Uma palavra que sobra ou outra que falta deixam o “prédio” torto. Nada de menos, nada de mais. Exatidão. Ao mesmo tempo, clareza. O visitante deve passear por uma construção limpa, fluir sem obstáculos, sem tropeçar em entulhos ou esbarrar em qualquer coisa fora do lugar. (TOLEDO, 2023, p. 14)

Essa “poética” aí esboçada se faz tarefa bem-sucedida quando se observam os vinte contos que compõem a coletânea, segunda obra ficcional do escritor e jornalista. A primeira foi *Contos que eu te conto*, de 1995, publicação artesanal e independente. Essa apresentação já anuncia a estética que guia sua escrita, com frases curtas, algumas nominais, produzindo efeito de celeridade. Concorre ainda para esse efeito a eliminação de “entulhos” em nome da “clareza”. Se a escrita foi laboriosa em sua “engenharia”, cabe ao leitor a possibilidade de seguir sem tropeços.

Jornalista com mais de trinta anos de prática, ao mesmo tempo Toledo tem uma aguda consciência que a escrita literária exige que se busque acessar um registro outro da linguagem cuja exigência não recaia na previsibilidade de seu uso ordinário:

Duas décadas se passaram e, em 2015, quando senti vontade de retomar os contos, concluí que o jovem Cleber Toledo tinha razão. Quer dizer, em parte. A prática diária do jornalismo realmente aprimorou um mais minha escrita, me permitiu saborear o inusitado e, com todos esses anos de árduas batalhas pela sobrevivência, encontrei a voz que precisava para fazer literatura. Claro, a que está a meu limitado alcance. Porque, é justamente aí que reside o drama: ainda falta o talento dos gigantes para a intrincada *arte de manusear esteticamente palavras, frases e parágrafos*. Contudo, tenho me motivado a

insistir, mesmo com essas restrições pessoais que sempre levantam a parede que sinto intransponível. (Toledo, 2023, p. 13-4 – realce nosso).

Este é o primeiro aspecto que destacamos em relação *A noiva e outros contos políticos*, que confere singularidade à obra e tornam sua leitura prazerosa e inquietante: as narrativas não se configuram como mera contação de histórias – que são todas muito boas, é necessário admitir, mas como textos que alcançam certa grandeza própria da arte literária. De fato, como lembra Cortazar (2006, p. 157), em “literatura não valem as boas intenções”, ou seja, é necessário estar presente a ‘arte de manusear esteticamente as palavras’: arte que, exatamente, o leitor encontrará nos contos – o menor ocupa três páginas, ao passo que o mais extenso se estende por 13 – compõem este livro de Toledo.

Da menor à maior, as estórias são povoadas por poucas personagens, e tudo o que é contado, quer pelas personagens, quer pelo narrador de terceira pessoa, concentra-se no conflito essencial, tal como previsto pelo gênero. Veja-se, por exemplo, o conto *De pai para filho*, que coloca em cena Godofredo e seu pai, um senador da República, cujo nome não é mencionado, em um diálogo que, levando em consideração o tempo da diegese, não deve ultrapassar a duração de uma hora. O senador, homem já idoso, por um lado, busca a adesão do filho à carreira política, ao passo que este, administrador dos negócios da família, prefere a vida de empresário, a não exposição pública, e privilegia os cuidados com os familiares. O espaço em que transcorre a narrativa é o rural, de modo mais pontual uma fazenda, tendo por ambiente o da elite econômica e política de Palmas, Tocantins, o que é denunciado não somente pela menção explícita às empresas familiares como, também, pela tradição associada aos Nogueira e Silva que, como destacado pelo senador, remonta a uma história de já sessenta anos, iniciada pelo avô de Godofredo, que chegou a ser deputado federal ainda pelo antigo norte goiano.

O início do conto, já no primeiro parágrafo, lança as bases para o conflito, cuja resolução será apresentada nos dois parágrafos finais. A família está reunida na fazenda um feriado prolongado, e Amandinha, filha de Godofredo está doente, com uma febre altíssima, colocando os pais em alerta: não melhorando o quadro febril, na manhã seguinte pegariam o avião para tratamento em Palmas, pensou Godofredo, que arranjava desculpas para não participar de uma reunião agendada pelo senador para aquela tarde,

depois do almoço – reunião inevitável cujo clima, inclusive, absorve a atenção do leitor na quase totalidade do conto. Por um lado há a febre de Amandinha a cobrar a atenção do pai e, por outro, há os esforços do senador em convencer o filho a se candidatar a deputado federal, dando continuidade ao legado da família Nogueira e Silva na política e na economia. A resolução do conflito se dá com a retirada de Godofredo da reunião, e imediata partida, de avião, para Palmas, levando a filha para tratamento médico com o Dr. Alfredo.

Como teorizou Cortázar (2006), o bom contista busca nocautear as resistências do leitor, para conquistar sua simpatia, desde as primeiras frases, e segue a tessitura do texto desprezando quaisquer ideias, situações ou recheios que não contribuam incisivamente para o sequestro momentâneo do leitor – o *knock-out*, uma vez que essa conquista não se pode fazer de maneira cumulativa, como acontece, por exemplo, no romance. Pode-se dizer que essa aguda consciência está presente nos contos de Toledo, traduzindo-se em um trabalho arrojado com o plano expressivo da língua na perspectiva da técnica literária.

O segundo aspecto que destacamos se relaciona com a temática que perpassa todas as narrativas, configurando-a como uma antologia. Como anunciado pelo título do livro, todos os contos se desenrolam sob a perspectiva da política no Tocantins se, contudo, desembocar em repetição tediosa ou apresentar mais do mesmo. Ao contrário, cada estória é singular e convoca a atenção do leitor a partir de sua própria perspectiva no interior da coletânea. Os personagens são fictícios, os nomes não remetem expressamente a figuras existentes no *mundo real*, mas o leitor é convocado a estabelecer relações com a política tocantinense e seus atores reais, na medida em que reconhece nas tramas dos contos, sujeitos, situações e práticas da política tocantinense.

Nesse primeiro conto, por exemplo, vemos a referência a famílias tradicionais que definem pela lógica da continuidade os rumos da política do lugar. Os tempos mudam, as gerações se sucedem, mas o poder está sempre nas mãos dos mesmos sujeitos, aqueles oriundos da mesma classes social e grupo econômico. Essa perspectiva se reitera em todos os textos, como se o leitor fosse convocado a estabelecer para todos eles um paralelo com o universo político *real* – o que é bem próprio da verossilhança: não é, mas poderia ser, como já ensinava Aristóteles, em sua *Poética* (2011), buscando desvendar os segredos dessa mistura entre verdade e trabalho de ficção. Com esse

subterfúgio, Toledo pode tratar de muitas tramoias e ardis, desvelando um jogo complexo de articulações.

Além da referência ao mundo daquilo que seria externo – as tessituras políticas e econômicas na sociedade, os contos também colocam em perspectiva as subjetividades das personagens, de modo a suscitar no leitor reflexões sobre suas próprias questões interiores. Nesse sentido, retomando o conto *De pai para filho*, Godofredo vê-se frente ao desafio entre aderir ao destino já traçado pelo pai e pelo avô ou, em outra direção, seguir seu próprio desejo e não entrar na cena política como candidato a deputado federal. Sem dúvida uma situação complexa, para a qual o conto não apresenta uma resolução, uma vez que o protagonista se retira da reunião com o pai sem sinalizar na direção do sim ou do não. Fica, portanto, a questão em aberto, cabendo ao leitor imaginar as possíveis saídas e, aí, tomar sua própria posição.

Por se tratar de um conflito cujos desdobramentos afetarão, certamente, os rumos da vida do protagonista, a resposta do leitor exige ponderação: o que eu faria, se fosse Godofredo? Nesse sentido, pode-se dizer que esse conto e, por extensão, as outras narrativas presentes *A noiva e outros contos políticos* promovem o que Antonio Candido chamou, em seu célebre ensaio *A literatura e a formação humana*, de 1972, de humanização: o texto literário apresenta a vida em sua variada complexidade, levando o leitor a um confronto com a sua própria humanidade. À medida que mergulha no universo instaurado pelo texto, aprende sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a vida e suas vicissitudes. No caso de Godofredo, o leitor há de reconhecer que não é sem peso que se resolve o impasse apresentado, que na vida vivida nem sempre é uma questão de um simples *ou isto ou aquilo*, para conversar com o poema de Cecília Meireles. (2012). Pode-se dizer, então, para finalizar, que a literatura de Cleber Toledo potencializa uma humanização em sentido profundo.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. 4 ed. Trad. Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a Formação do Homem. In: \_\_\_\_\_. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p.77-92.

CORTÁZAR, Julio. 2006. Alguns aspectos do conto. In: CORTÁZAR, Julio. 2006. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva. p. 147-163.

MEIRELES, Cecília. **Ou isto ou aquilo**. São Paulo: Global, 2012.

MELO NETO, João Cabral de. **Melhores poemas**. 10. ed. Sel. Antonio Carlos Secchin. São Paulo: Global Editora, 2010.

TOLEDO, Cleber. 2023. **A noiva e outros contos políticos**. Gurupi, TO: Veloso.